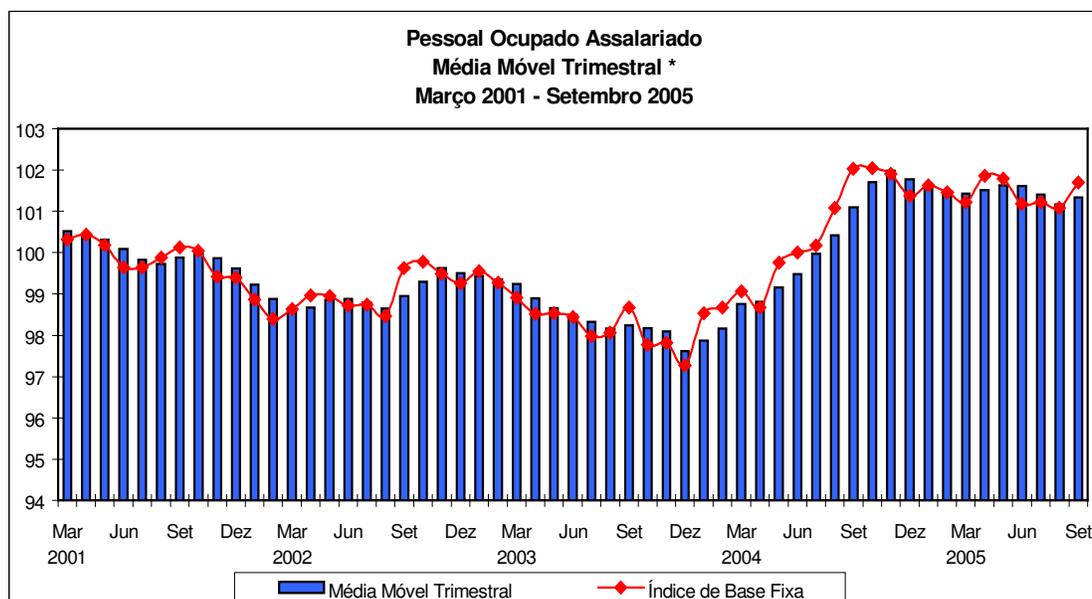


## Comentários

### PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Na passagem de agosto para setembro o emprego mostra crescimento de 0,6%, após queda de 0,2% entre julho e agosto, na série livre de influências sazonais. Já no confronto com setembro de 2004, não houve variação (0,0%). No acumulado no ano o resultado foi positivo (1,7%) e o acumulado nos últimos doze meses aponta trajetória declinante no ritmo de crescimento do emprego, que passa de 2,6% em agosto para 2,3% em setembro. O número de pessoas ocupadas mostrou aumento de 0,4% no terceiro trimestre, em relação a igual período de 2004, mas foi 0,3% menor do que o trimestre imediatamente anterior (série ajustada sazonalmente).

Com o aumento no índice mês/mês anterior, a tendência apontada pelo indicador de média móvel trimestral volta a ser positiva: segundo o gráfico abaixo, há um ganho de 0,2% entre os trimestres encerrados em agosto e setembro.

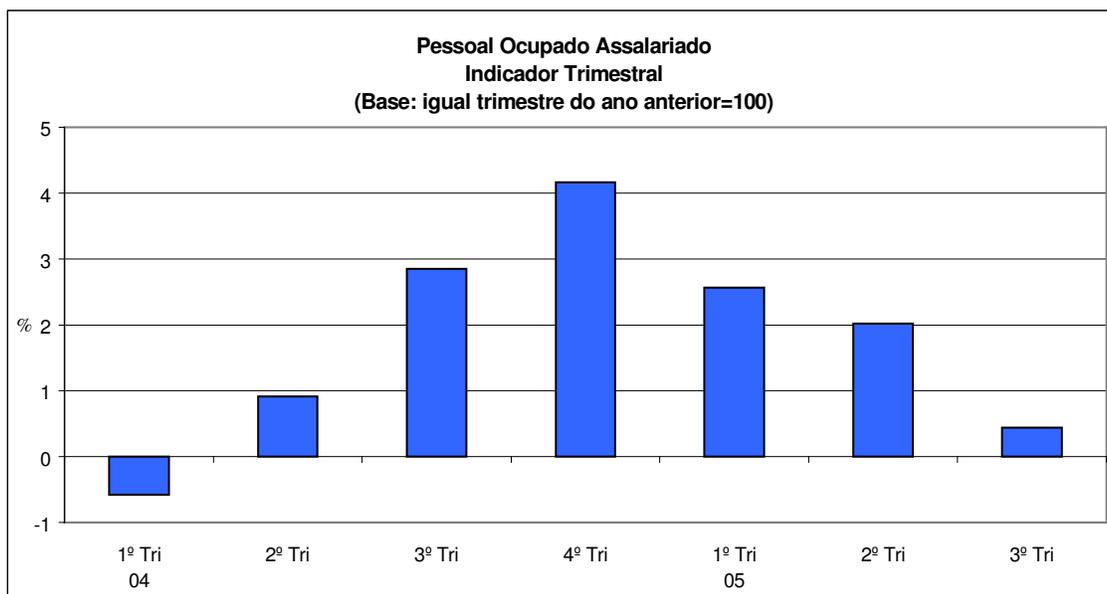


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

\*série com ajuste sazonal

No confronto mensal (0,0%), nove das quatorze áreas e nove dos dezoito segmentos apresentaram taxas negativas. Rio Grande do Sul (-9,9%) e região Nordeste (-2,3%) contribuíram com as pressões mais relevantes no resultado geral, o primeiro impactado por decréscimos observados em doze setores, especialmente calçados e artigos de couro (-23,6%), enquanto no caso da indústria nordestina, alimentos e bebidas (-3,4%) figura como a principal pressão negativa, entre os nove ramos em queda. Por outro lado, as principais influências positivas vieram de São Paulo (2,7%) e Minas Gerais (3,5%), com destaque, nos dois locais, para o segmento de alimentos e bebidas. Em nível nacional, os ramos que participaram com os maiores impactos negativos foram calçados e artigos de couro (-15,7%) e madeira (-15,0%). Em sentido contrário, destacaram-se as influências positivas das contratações efetuadas em alimentos e bebidas (7,3%) e meios de transporte (6,1%).

Em bases trimestrais, o emprego industrial vem sustentando resultados positivos há seis trimestres consecutivos, com taxas declinantes em 2005: 2,6% no primeiro trimestre de 2005, 2,0% no segundo e uma desaceleração mais acentuada no terceiro (0,4%). A perda de dinamismo observada na passagem do segundo para o terceiro trimestre atinge treze dos quatorze locais e quatorze das dezoito atividades pesquisadas, destacadamente, em calçados e artigos de couro (de -10,9% para -15,3%), meios de transporte (de 10,7% para 7,2%) e têxtil (de 2,1% para -1,4%).



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

O indicador acumulado no ano apresentou incremento de 1,7%. São Paulo (2,9%) e Minas Gerais (4,1%) representaram os principais impactos positivos entre os dez locais em que se observou aumento do emprego. Os destaques negativos permanecem com o Rio Grande do Sul (-5,6%), influenciado, sobretudo, pelas demissões no setor de calçados e artigos de couro (-19,7%); e Rio de Janeiro (-1,1%), pressionado, principalmente, por produtos químicos (-10,5%). Setorialmente, no total do país, alimentos e bebidas (7,4%) e meios de transporte (10,4%) foram os ramos com participações mais relevantes entre os onze que cresceram, em oposição às influências negativas vindas de calçados e artigos de couro (-11,1%) e madeira (-6,9%).

Em síntese, os indicadores trimestrais, na comparação com iguais períodos de 2004, mostram que o emprego e o número de horas pagas diminuem o ritmo de crescimento entre o segundo e o terceiro trimestre. A redução nos indicadores de emprego e do número de horas pagas também fica evidente na comparação com o trimestre imediatamente anterior (série ajustada sazonalmente), acompanhando a perda de dinamismo observada na produção industrial.

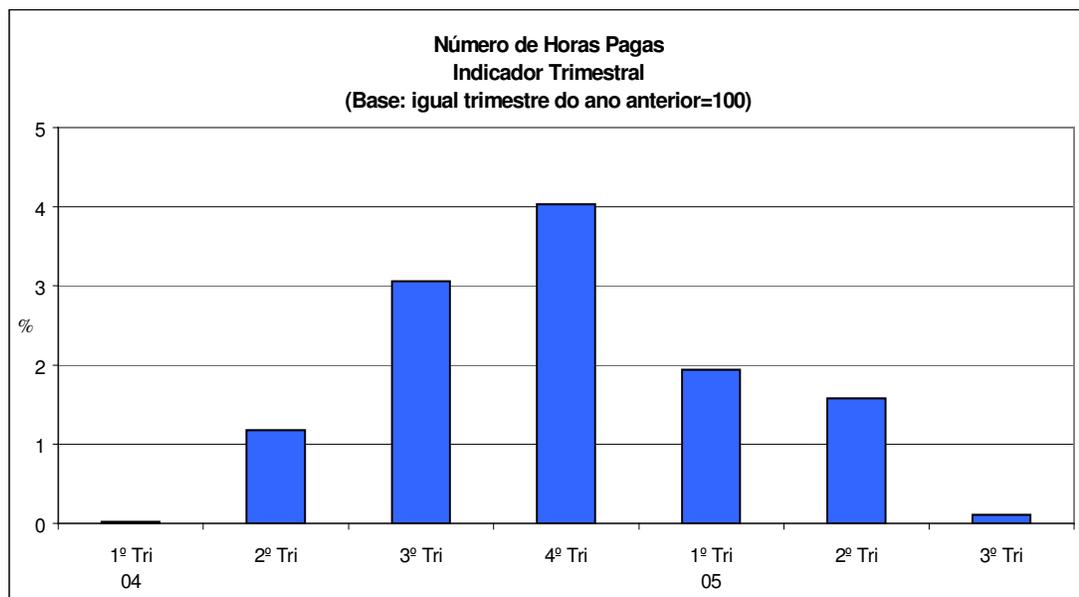


A comparação com igual mês do ano anterior mostrou redução de 0,9%, enquanto os indicadores para períodos mais abrangentes apresentaram acréscimos: 1,2% no acumulado no ano e 1,9% no acumulado nos últimos doze meses. O terceiro trimestre apontou estabilidade em relação a igual período de 2004 (0,1%). A jornada média de trabalho mostra resultados negativos: -0,8% no índice mensal, -0,5% no acumulado no ano e -0,4% no acumulado nos últimos doze meses.

Em relação a setembro de 2004, a retração de 0,9% reflete, sobretudo, o desempenho negativo de dez dos quatorze locais e onze das dezoito atividades pesquisadas. Setorialmente, os principais decréscimos vieram das indústrias de calçados e artigos de couro (-16,5%), madeira (-15,4%) e borracha e plástico (-6,0%). Por outro lado, alimentos e bebidas (6,4%) e meios de transporte (6,0%) foram os impactos positivos mais importantes no resultado geral.

Ainda na comparação mensal, os locais que exerceram as principais pressões negativas no cômputo geral foram Rio Grande do Sul (-10,9%), região Nordeste (-4,1%) e Paraná (-1,7%). Na indústria gaúcha, treze segmentos reduziram o número de horas pagas, com destaque para calçados e artigos de couro (-24,4%), máquinas e equipamentos (-15,7%) e outros produtos da indústria de transformação (-15,3%). Na região Nordeste, também treze atividades apresentaram taxas negativas, entre as quais, alimentos e bebidas (-5,9%), calçados e artigos de couro (-5,6%) e vestuário (-5,0%) foram, em termos de participação, as mais expressivas. No Paraná, os principais impactos, entre os onze setores em queda, foram madeira (-21,8%) e outros produtos da indústria de transformação (-13,6%). Por outro lado, São Paulo (1,6%) e Minas Gerais (4,3%) exerceram as principais pressões positivas. No primeiro, dez dos dezoito ramos aumentaram o número de horas pagas, destacando-se alimentos e bebidas (13,9%) e meios de transporte (7,5%). Na indústria mineira, alimentos e bebidas (10,3%) e produtos de metal (24,9%) foram os principais responsáveis pelo resultado positivo.

A desaceleração no ritmo de crescimento do número de horas pagas é observada ao longo de 2005, sendo mais acentuada na passagem do segundo (1,6%) para o terceiro trimestre (0,1%). Este movimento está presente na maior parte (quatorze) dos dezoito setores pesquisados, valendo citar os resultados de calçados e artigos de couro, que passou de -10,5% para -15,3%; madeira (de -8,4% para -13,7%); e têxtil (de 2,9% para -1,3%).



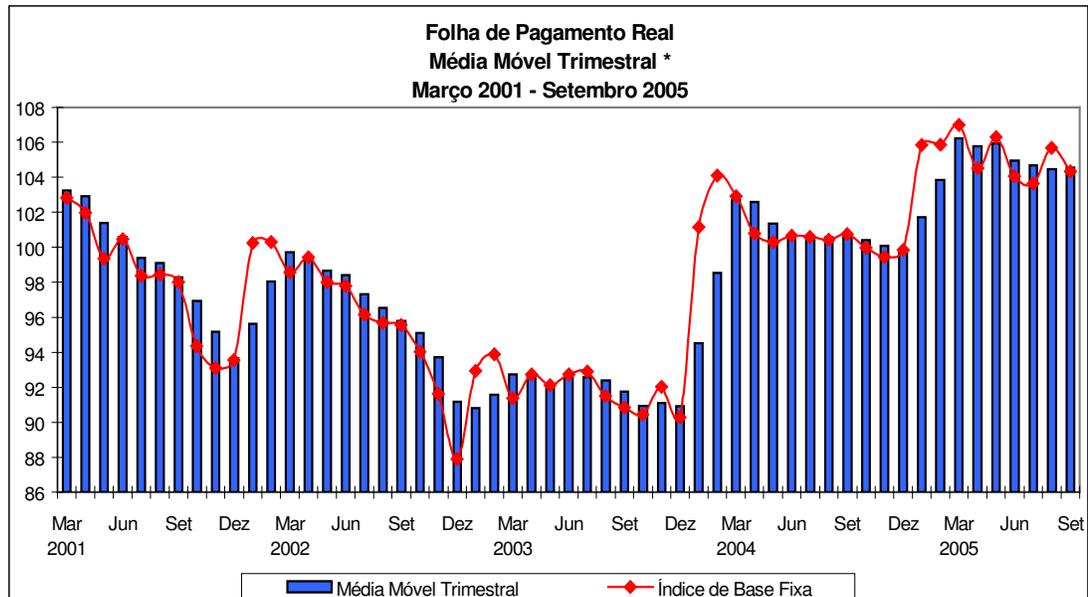
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

No indicador acumulado no ano, o número de horas pagas cresceu 1,2%, com dez áreas e oito setores registrando taxas positivas. Por local, os maiores impactos vieram de São Paulo (2,3%), Minas Gerais (4,8%) e região Norte e Centro-Oeste (3,6%). Por outro lado, Rio Grande do Sul (-6,7%) e Rio de Janeiro (-2,0%) foram as principais influências negativas. Em termos setoriais, os principais acréscimos no total do país vieram de alimentos e bebidas (7,5%), meios de transporte (10,0%) e produtos de metal (6,3%). Em sentido contrário, calçados e artigos de couro (-11,7%) e madeira (-7,5%) representaram as principais contribuições negativas.

## FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em setembro, o valor real da folha de pagamento dos trabalhadores da indústria, na série livre de influências sazonais, recuou 1,3% em relação ao mês passado, revertendo o

crescimento assinalado entre julho e agosto (1,9%). Mesmo com a queda deste mês, o indicador de média móvel trimestral permanece estável entre os trimestres encerrados em agosto e setembro (0,1%).



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

\*série com ajuste sazonal

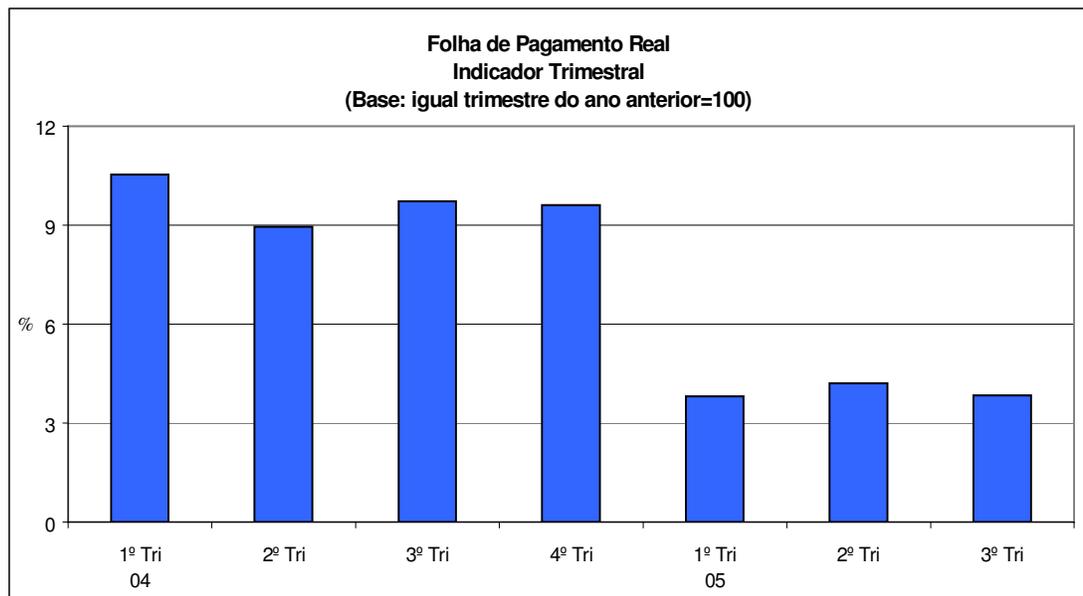
Nos demais indicadores, os resultados continuam positivos: 3,7% em relação a setembro de 2004, 3,9% no terceiro trimestre em comparação com igual período do ano anterior, 4,0% no acumulado no ano. O indicador acumulado nos últimos doze meses (5,5%) mostra ligeira desaceleração em relação a agosto (6,0%).

No confronto setembro 05/ setembro 04, a folha de pagamento real teve incremento de 3,7%, com taxas positivas em dez dos quatorze locais pesquisados. A principal contribuição para a formação desta taxa veio de São Paulo (4,1%), por conta, principalmente, dos setores de alimentos e bebidas (15,0%), máquinas e equipamentos (8,9%) e meios de transporte (5,8%). Vale citar ainda o resultado de Minas Gerais (9,7%), em consequência, sobretudo, dos ganhos salariais em produtos de metal (30,5%), indústrias extrativas (24,9%) e metalurgia básica (7,3%).

Em termos setoriais, ainda neste tipo de comparação, houve aumento real na folha de pagamento de doze dos dezoito ramos investigados. As maiores influências positivas vieram de alimentos e bebidas (11,2%), máquinas e equipamentos (8,0%) e meios de transporte (5,9%). Em sentido oposto, as principais pressões negativas foram observadas em calçados e artigos de couro (-14,9%) e papel e gráfica (-5,1%).

O valor real da folha de pagamento reduziu o ritmo de crescimento na passagem do segundo (4,2%) para o terceiro trimestre (3,9%) deste ano, ambas as comparações relativas a iguais trimestres de 2004. Este movimento foi observado em somente cinco dos quatorze locais pesquisados, principalmente devido ao Rio de Janeiro, que passou de 14,6% para 0,3%. Este local foi influenciado, sobretudo, pela queda atípica nas indústrias extrativas (de 75,2% para -30,4%) por conta do pagamento, no segundo trimestre, de participações nos lucros.

No terceiro trimestre de 2005, em relação a igual período do ano passado, treze áreas expandiram o valor da folha de pagamento, valendo citar as maiores taxas de Minas Gerais (9,2%), Espírito Santo (8,8%), região Norte e Centro-Oeste (4,9%) e São Paulo (4,5%). Em termos setoriais, doze dos dezoito segmentos apresentaram resultados positivos, sendo os mais relevantes, em termos de participação, os de alimentos e bebidas (12,2%), meios de transporte (7,2%) e máquinas e equipamentos (7,3%).



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

O indicador acumulado no ano registrou expansão de 4,0%, com acréscimo em doze dos quatorze locais pesquisados. Assim como no indicador mensal, as maiores contribuições positivas vieram de São Paulo (3,7%) e Minas Gerais (10,0%). As maiores influências foram meios de transporte (10,1%) e alimentos e bebidas (16,9%), na indústria paulista; e produtos de metal (59,5%) e metalurgia básica (7,6%), na mineira. Por outro lado, Rio Grande do Sul (-0,5%) e Pernambuco (-1,2%) foram as únicas áreas com taxas negativas. Na primeira, sobressaiu a indústria de calçados e artigos de couro (-15,1%) e na segunda, alimentos e bebidas (-7,1%).

Setorialmente, ainda no acumulado no ano, houve ampliação na massa salarial em treze das dezoito atividades. As principais contribuições positivas vieram de alimentos e bebidas (10,0%), meios de transporte (9,8%) e máquinas e equipamentos (8,1%), enquanto papel e gráfica (-6,6%) e calçados e artigos de couro (-8,0%) representaram as principais contribuições negativas.